



1º CONGRESSO ACADÊMICO EUCARÍSTICO

*"No fundo, o feito da EUCARISTIA é a
transformação do homem em Deus"*

Santo Tomás de Aquino



PARÓQUIA SANTUÁRIO

SÃO JUDAS TADEU

SÃO PAULO-SP



1º CONGRESSO ACADÊMICO EUCARÍSTICO

APRESENTAÇÃO

A “1ª edição do Congresso Acadêmico” Eucarístico acontece sob um clima de muita expectativa. Os diversos setores de nossa vida eclesial estão retomando as atividades de pesquisa, formação e evangelização. Diante do momento de pandemia do covid-19 ficamos reclusos e muitas de nossas atividades foram para o mundo virtual. A dinâmica do mundo virtual nos trouxe formação e informação para dentro de nossas casas.

Neste sentido, o Santuário deseja ser um promotor da pesquisa e formação a partir de temáticas desafiadoras para a evangelização do nosso tempo moderno. Dado esse contexto, compreendemos que o 1º Congresso Acadêmico, que inicia hoje – a exatos cinco meses antes da abertura do Jubileu de Prata do Santuário São Judas Tadeu – é não apenas um evento em consonância com a qualidade da pesquisa no meio eclesial, mas reforça a necessidade de aprofundarmos, de forma acadêmica, os temas que estão inclusos em nossa espiritualidade.

O tema deste 1º Congresso Acadêmico irá abordar a EUCARISTIA, a partir do lema inspirado por Santo Tomás de Aquino “*No fundo, o feito da Eucaristia é a transformação do homem em Deus*”. Ao longo destes quatro dias (06 a 09 de junho de 2022) iremos abordar, junto aos nossos conferencistas convidados, temas que abordam a “Eucaristia e a Igreja”, “Eucaristia e o Ecumenismo”, “Eucaristia e a Sagrada Escritura” e “Eucaristia e a Moral/Direito”.

O Santuário São Judas Tadeu deseja que este momento de aprofundamento e conhecimento possa se repetir sempre a cada ano, trazendo para todos que desejam aprofundar seus conhecimentos em diversos campos do saber, um conjunto de formações e debates. O diálogo é fundamental para o crescimento de toda a humanidade, portanto, o Congresso Acadêmico é um encontro de diversas opiniões articuladas e fundamentadas em pesquisa e conhecimento, na busca constante da verdade.

CERIMÔNIA DE ABERTURA

Dirigente: Neste momento realizaremos a cerimônia de abertura oficial do 1º Congresso Acadêmico Eucarístico. Estamos reunidos hoje para iniciar uma semana de formação acerca da Eucaristia, que possamos nos aprofundar por meio do debate e conhecer por meio da palavra a essência da fé católica, que é a Eucaristia.

Dom Ângelo: Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Todos: Amém.

Dom Ângelo: A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco.

Todos: Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

Dirigente: Para a solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo (*Corpus Christi*) Santo Tomás de Aquino em 1264 a pedido do Papa Urbano IV compôs um hino “*Louva, ó Sião, o Salvador*”, rezado e cantado até hoje em todas as celebrações deste dia. Rezemos este hino em dois coros.

Hino

Louva, ó Sião, o Salvador (Santo Tomás de Aquino)

Coro I:

Terra, exulta de alegria, louva teu pastor e guia
com teus hinos, tua voz!

Tanto possas, tanto ouses, em louvá-lo não repouses:
sempre excede o teu louvor!

Coro II:

Hoje a Igreja te convida: ao pão vivo que dá vida
vem com ela celebrar!

Este pão que o mundo creia! por Jesus, na santa ceia,
foi entregue aos que escolheu.

Coro I:

Nosso júbilo cantemos, nosso amor manifestemos,

pois transborda o coração!

Quão solene a festa, o dia, que da Santa Eucaristia
nos recorda a instituição!

Coro II:

Novo Rei e nova mesa, nova Páscoa e realeza,
foi-se a Páscoa dos judeus.

Era sombra o antigo povo, o que é velho cede ao novo:
foge a noite chega a luz.

Coro I:

O que o Cristo fez na ceia, manda à Igreja que o rodeia
repeti-lo até voltar.

Seu preceito conhecemos: pão e vinho consagremos
para nossa salvação.

Coro II:

Faz-se carne o pão de trigo, faz-se sangue o vinho amigo:
deve-o crer todo cristão.

Se não vês nem compreendes, gosto e vista tu transcendes,
elevado pela fé.

Coro I:

Pão e vinho, eis o que vemos; mas ao Cristo é que nós temos
em tão ínfimos sinais...

Alimento verdadeiro, permanece o Cristo inteiro
quer no vinho, quer no pão.

Coro II:

É por todos recebido, não em parte ou dividido,
pois inteiro é que se dá!

Um ou mil comungam dele, tanto este quanto aquele:
multiplica-se o Senhor.

Coro I:

Dá-se ao bom como ao perverso, mas o efeito é bem diverso:
vida e morte traz em si...

Pensa bem: igual comida, se ao que é bom enche de vida,
traz a morte para o mau.

Coro II:

Eis a hóstia dividida... Quem hesita, quem duvida?
Como é toda o autor da vida, a partícula também.
Jesus não é atingido: o sinal que é partido;
mas não é diminuído, nem se muda o que contém.

Coro I:

*Eis o pão que os anjos comem transformado em pão do homem;
só os filhos o consomem: não será lançado aos cães!
Em sinais prefigurado, por Abraão foi imolado,
no cordeiro aos pais foi dado, no deserto foi maná...

Coro II:

Bom Pastor, pão de verdade, piedade, ó Jesus, piedade,
conservai-nos na unidade, extingui nossa orfandade, transportai-nos para o Pai!
Aos mortais dando comida, dais também o pão da vida;
que a família assim nutrida seja um dia reunida aos convivas lá do céu!

Dom Ângelo:

Oremos. Senhor Jesus Cristo, neste admirável sacramento nos deixastes o memorial da vossa paixão. Dai-nos venerar com tão grande amor o mistério do vosso Corpo e do vosso Sangue, que possamos colher continuamente os frutos da vossa redenção. Vós, que sois Deus com o Pai, na unidade do Espírito Santo.

Todos: Amém.

Aclamação ao Evangelho

Ao Ouvir Tua Voz (Comunidade Católica Shalom)

Aleluia! / Aleluia! / Aleluia! / Aleluia!

Ao ouvir tua voz / Nosso coração

Se encheu de alegria / E com júbilo sem fim nós cantaremos / A Tua Paz!

Evangelho: Lc 24,28-35

Dom Ângelo: O Senhor esteja convosco.

Todos: Ele está no meio de nós.

Dom Ângelo: Proclamação do Evangelho de Jesus Cristo † segundo São Lucas.

Todos: Glória a vós, Senhor.

Dom Ângelo: ²⁸Quando chegaram perto do povoado para onde iam, Jesus fez de conta que ia mais adiante. ²⁹Eles, porém, insistiram com Jesus, dizendo: “Fica conosco, pois já é tarde e a noite vem chegando!” Jesus entrou para ficar com eles. ³⁰Quando se sentou à mesa com eles, tomou o pão, abençoou-o, partiu-o e lhes distribuía. ³¹Nisso os olhos dos discípulos se abriram e eles reconheceram Jesus. Jesus, porém, desapareceu da frente deles. ³²Então um disse ao outro: “Não estava ardendo o nosso coração, quando ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?” ³³Naquela mesma hora, eles se levantaram e voltaram para Jerusalém onde encontraram os Onze reunidos com os outros. ³⁴E estes confirmaram: “Realmente, o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão!” ³⁵Então os dois contaram o que tinha acontecido no caminho, e como tinham reconhecido Jesus ao partir o pão.

Dom Ângelo: Palavra da Salvação

Todos: Glória a vós Senhor.

Canção Meditativa

Verbum Panis (Ministério Amor e Adoração)

Desde o princípio / Antes mesmo que a terra começasse a existir / O verbo estava junto a Deus /
Veio ao mundo / E pra não abandonar-nos nesta viagem nos deixou / Todo a si mesmo como pão

Verbum caro factum est / Verbum panis factum est / Verbum caro factum est

Verbum panis factum est

E aqui, partes o teu pão em meio a nós / Todo aquele que comer, não terá mais fome / E aqui, vive
tua igreja em torno a ti / Onde se encontrará, a morada eterna

Verbum caro factum est / Verbum panis factum est / Verbum caro factum est / Verbum panis

Dom Ângelo: O Senhor esteja convosco.

Todos: Ele está no meio de nós.

Dom Ângelo: Abençoe-vos Deus Todo-Poderoso, Pai +, Filho + e Espírito Santo +.

Todos: Amém.

PRIMEIRO DIA – 06 DE JUNHO DE 2022 – SEGUNDA-FEIRA

19h00 – Acolhida e credenciamento

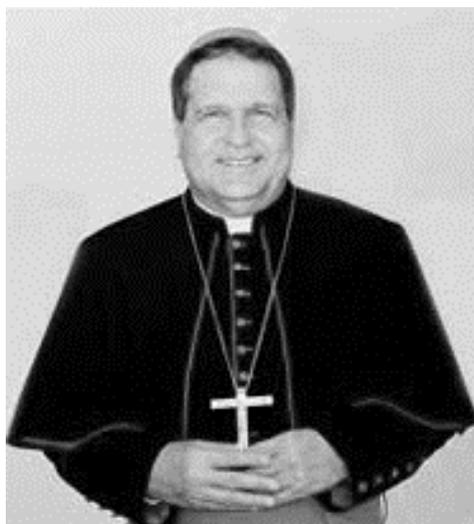
19h30 – Celebração de Abertura presidida por Ms. Dom Ângelo A. Mezzari, RCJ

19h45 – Conferência: “Eucaristia faz a Igreja e a Igreja faz a Eucaristia” de Ms. Dom Ângelo Ademir Mezzari, RCJ – Bispo Auxiliar de São Paulo para Região do Ipiranga

20h30 – Coffee Break

20h50 – Debate – Perguntas

21h50 – Agradecimentos, avisos e encerramento



Ms. Dom Ângelo A. Mezzari, RCJ

Conferencista

Dom Ângelo Ademir Mezzari nasceu no dia 2 de abril de 1957, na localidade de Sanga do Engenho, município de Nova Veneza, atualmente Forquilha, Santa Catarina. Religioso da Congregação dos Rogacionistas do Coração de Jesus, fez os estudos de Licenciatura em filosofia (1977-1979), na Faculdade Nossa Senhora Medianeira em S.Paulo/SP, e de bacharelado em Teologia (1981-1984), no Instituto Teológico Pio XI em S. Paulo/Sp. Após a ordenação sacerdotal, em 22 de dezembro de 1984, completou sua formação fazendo o curso de Comunicação Social/Jornalismo na Universidade Federal do Paraná (1986-1989), e em São Paulo, no ano de 2003, completou o Mestrado em Teologia Dogmática, na Pontifícia Faculdade Assunção, da Arquidiocese de São Paulo, com uma tese intitulada: “Revelação e Comunicação – a questão da transmissão da revelação”. Na

Congregação Rogacionista, entre as várias responsabilidades exercidas ao longo de seu caminho como religioso e sacerdote, foi Superior Provincial por 8 anos (dois mandatos, de 2002-2010), e Superior Geral da Congregação, por 6 anos, de 2010 a 2016, em Roma. No dia 8 de julho de 2020 foi nomeado Bispo Auxiliar para a Arquidiocese de São Paulo, tendo sido ordenado no dia 19 de setembro de 2020, em sua Diocese de origem, em Criciúma/SC. E tomou posse na Arquidiocese no dia 4 de outubro, tendo sido designado como Vigário Episcopal para a Região Ipiranga, e recebeu também as tarefas de acompanhar, na Igreja de São Paulo, a pastoral vocacional, os seminários e a vida consagrada.

“A EUCARISTIA FAZ A IGREJA E A IGREJA FAZ A EUCARISTIA”

Ms. Dom Ângelo A. Mezzari, RCJ

*Bispo Auxiliar da Arquidiocese de São Paulo
para Região Episcopal Ipiranga*

O tema desta reflexão “A Eucaristia faz a Igreja e a Igreja faz a Eucaristia” se refere a uma afirmação do teólogo jesuíta Henri de Lubac (1896-1991), francês, um dos pioneiros da renovação da Igreja no Concílio Vaticano II. Ao final de sua vida, em 1993, foi nomeado Cardeal pelo Papa João Paulo II. As duas afirmações são verdadeiras, não se excluem, mas devem ser bem entendidas no seu sentido e consequências. Henri de Lubac recorda que no primeiro milênio da história da Igreja, e em particular a era dos Padres da Igreja, se caracterizou pela ideia de que a “Eucaristia faz a Igreja”. Mas no segundo milênio, a era escolástica, corresponde mais à ideia de que a “Igreja faz a Eucaristia”. Importante observar que na Carta Encíclica de São João Paulo II, do ano de 2003, “*Ecclesia in Eucharistia*”¹ – “A Igreja vive da Eucaristia” – se trata da Eucaristia na sua relação com a Igreja. Logo, se deduz, uma visão da Eucaristia preponderantemente patrística, ou seja, a “Eucaristia faz a Igreja”. O tema proposto não é um jogo de palavras, mas enuncia uma verdade clara, preciosa e essencial. Se pensarmos na perspectiva “negativa”, afirmamos que não há Eucaristia sem Igreja, e não existe Igreja sem Eucaristia. Positivamente afirmamos que a Eucaristia revela, edifica e plasma a Igreja, enquanto a Igreja celebra, atualiza e vive a Eucaristia. A Eucaristia torna a Igreja “eucarística”. A Igreja torna a Eucaristia “eclesial”.

A temática proposta nos permite aprofundar, à luz da fé e do magistério da Igreja, na perspectiva teológica e pastoral, este mistério tão profundo e essencial da vida cristã, a Eucaristia.

¹ João Paulo II, Carta Encíclica “*Ecclesia de Eucharistia*” – Sobre a Eucaristia na sua relação com a Igreja, Paulinas, 2003.

De fato, na Carta Encíclica mencionada, afirma o Papa João Paulo II: “A Igreja vive da Eucaristia. Esta verdade não exprime apenas uma experiência diária de fé, mas contém em síntese o próprio núcleo do mistério da Igreja”². E prossegue o texto fazendo referência então às definições do Concílio: “O Concílio Vaticano II justamente afirmou que o sacrifício eucarístico é “fonte e centro de toda a vida cristã. Com efeito, “na santíssima Eucaristia, está contido todo o tesouro espiritual da Igreja, isto é, o próprio Cristo, a nossa Páscoa e o pão vivo que dá aos homens mediante a sua carne vivificada e vivificadora pelo Espírito Santo””³. Aqui se ressalta o que foi afirmado pelo Decreto “*Presbyterorum Ordini*”⁴, quanto à relação da Eucaristia e os demais sacramentos. Se do mistério pascal nasce a Igreja, a “Eucaristia, que é o sacramento por excelência do mistério pascal, está colocada no centro da vida eclesial”⁵. Neste sentido, na perspectiva pastoral, é importante reforçar aquilo que diz o Magistério da Igreja: “A eucaristia se apresenta como fonte e ápice de toda a evangelização, pois já os catecúmenos são introduzidos pouco a pouco a participar da Eucaristia, e os fiéis, uma vez assinalados pelo santo batismo e confirmação, acabam por inserir-se plenamente pela recepção da Eucaristia no Corpo de Cristo”⁶. Ou seja, como fonte e ápice, a Eucaristia forma a Igreja, o Corpo de Cristo. E esta, por sua vez, vive e se faz eucaristia. Será importante aqui recordar também a Exortação Apostólica de Bento XVI, “*Sacramentum Caritatis*”⁷ – sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja.

Neste contexto “eucarístico”, e tendo presente alguns dos principais fundamentos sobre a “Eucaristia faz a Igreja e a Igreja faz a Eucaristia”, vamos refletir sobre o mistério e a celebração mesma da eucaristia. Ao mesmo tempo, a relação entre a comunidade eclesial eclesial e a Eucaristia, já que as celebrações eucarísticas também dependem muito do modelo de Igreja que temos e conseguimos viver e concretizar. Como não é possível uma Igreja sem Eucaristia, não existe Eucaristia sem Igreja. Não é suficiente “comer” o Corpo de Cristo, mas é preciso se tornar o “Corpo” de Cristo, que é a Igreja. Somos chamados a nos deixarmos plasmar plenamente pela Eucaristia, na mais profunda “comunhão”. Trata-se de uma necessária eclesiologia de comunhão. A Eucaristia exige e comporta a totalidade da vida e missão da comunidade eclesial. E podemos associar ao momento eclesial que estamos vivendo, ou seja, de uma “Igreja Sinodal” – Caminhar juntos - , na perspectiva da comunhão, participação e missão. Assim nos diz São João Paulo II: “A

² *Idem*, n. 1.

³ *Ibidem*, n. 1.

⁴ *Presbyterorum Ordini*, n. 5.

⁵ *Ecclesia in Eucharistia*, n. 3.

⁶ *Presbyterorum Ordini*, n. 5,

⁷ Bento XVI, Exortação Apostólica “*Sacramentum Caritatis*”, Paulinas, 207.

Eucaristia, presença salvífica de Jesus na comunidade dos fiéis e seu alimento espiritual, é o que de mais precioso pode ter a Igreja no seu caminho ao longo da história”⁸.

Este 1.o Congresso Acadêmico Eucarístico se realiza no contexto da preparação do Congresso Eucarístico Nacional, a ser realizado em novembro próximo. Um tema que nos coloca na perspectiva da Igreja que vive da Eucaristia, nela tem sua fonte e ápice, e se faz Eucaristia. O tema “Pão em todas as mesas” nos reporta ao “pão da vida” e ao “pão de cada dia”. E como lema aquilo que se encontra nos Atos dos Apóstolos: “E todos repartiam o pão e não havia necessitados entre eles” (Cf. At 4,32). Tanto o tema como o lema salientam a dimensão profética e social da Eucaristia como mesa aberta a todos e como sacramento da partilha e da justiça econômico-social.

SEGUNDO DIA – 07 DE JUNHO DE 2022 – TERÇA-FEIRA

19h00 – Acolhida e credenciamento

**19h30 – Conferência: “Eucaristia e o diálogo ecumênico” de Dr. Pe. Marcial Maçaneiro, SCJ
– Professor da PUC-PR e UCP-Portugal**

20h20 – Coffee Break

20h40 – Debate – Perguntas

21h40 – Agradecimentos, avisos e encerramento

Dr. Padre Marcial Maçaneiro, SCJ

Conferencista



Prof. Pe. Marcial Maçaneiro SCJ - Doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana (Roma) com Pós-doutorado pela Universidade Católica Portuguesa (Lisboa). Docente no Programa de Mestrado e Doutorado da PUC PR e da Universidade Católica Portuguesa. Teólogo do Diálogo Internacional Católico-Pentecostal (Vaticano). Membro do Comitê de análise de conjuntura eclesial da CNBB. Conferencista e autor, nas áreas de diversidade religiosa,

⁸ *Ecclesia in Eucharistia*, n. 9

pneumatologia e unidade dos cristãos. Consultor teológico do Instituto Ciência e Fé da PUC PR. Participa de projetos de pesquisa e publicação na Universidade Católica Portuguesa, na Universidade Santo Tomás de Bogotá e na Universidade Oeste do Cabo, África do Sul. Assessor teológico da Missão Somos Um. Membro da Rede Latinoamericana de Estudos Pentecostais.

UM SÓ PÃO, UM SÓ CORPO: A EUCARISTIA E A UNIDADE DOS CRISTÃOS

Dr. Pe. Marcial Maçaneiro, SCJ

*Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR
Universidade Católica Portuguesa - UCP
Comissão Internacional de Diálogo Católico-Pentecostal, Vaticano
Instituto Nacional de Pastoral Alberto Antoniazzi - INAPAZ, CNBB*

Apresento aqui o precioso documento de convergência sobre *Batismo, eucaristia, ministério* (sigla *BEM*), que desde os anos 80 tem cimentado os diálogos bilaterais, entre igrejas de tradição romana, ortodoxa, protestante, anglicana e reformada, sobre a iniciação cristã e a prática sacramental-ministerial. No caso, por conta do nosso tema específico, segue a parte dedicada à eucaristia – em perspectiva ecumênica. O documento resulta de consultas às Igrejas-membro do CMI (Conselho Mundial de Igrejas, Genebra), com a coordenação e relatoria da *Comissão Fé & Constituição*, que é o comitê teológico do CMI, onde a Igreja Católica participa plenamente.

I. A INSTITUIÇÃO DA EUCARISTIA

1. A Igreja recebe a eucaristia como um dom da parte do Senhor. Paulo escreveu: eis o que eu recebi do Senhor, o que vos transmiti: o Senhor Jesus, na noite em que foi entregue, tomou o pão, e, depois de ter dado graças, partiu-o e disse: 'Isto é o meu corpo, que é dado por vós, fazei isso em memorial (*anàmnesis*) de mim' (1 Co 11.23-25; cf. Mt 26.26-29; Mc 14.22-25; Lc 22.14-20).

As refeições que Jesus partilhou durante o seu ministério terrestre, das quais temos notícia, proclamam e representam a proximidade do Reino: a multiplicação dos pães é disso um sinal. Quando da sua última refeição, a comunhão do Reino foi posta em relação com a perspectiva dos sofrimentos de Jesus. Depois da sua ressurreição, o Senhor manifestou a sua presença e deu-se a conhecer aos seus discípulos no partir do pão. A eucaristia encontra-se, assim, na linha de continuidade dessas refeições de Jesus durante a sua vida terrestre e depois da sua ressurreição, como sinais contínuos do Reino. Os cristãos consideram que a eucaristia é prefigurada pelo memorial do livramento, na Páscoa de Israel, libertação do país, da servidão; e pela refeição da

Aliança no monte Sinai (Êx 24). Ela é a nova refeição pascal da Igreja, a refeição da Nova Aliança que Cristo deu aos seus discípulos como o memorial (*anamnesis*) da sua morte e da sua ressurreição, como a antecipação do banquete do Cordeiro (Ap 19.9); Cristo ordenou aos seus discípulos que fizessem memória dele, encontrando-o, assim, nesta refeição sacramental como o povo de Deus peregrino, até à sua volta.

A última refeição celebrada por Jesus foi uma refeição litúrgica que utilizava palavras e gestos simbólicos. Consequentemente, a eucaristia é uma refeição sacramental que, através de sinais visíveis, nos comunica o amor de Deus em Jesus Cristo, o amor com que Jesus amou os seus até ao fim (Jo 13.1). Têm-lhe sido dados diversos nomes, por exemplo: refeição do Senhor, partir do pão, santa ceia, santa comunhão, divina liturgia, missa. A sua celebração é sempre o ato central do culto da Igreja.

II. A SIGNIFICAÇÃO DA EUCARISTIA

2. A eucaristia é essencialmente o sacramento do dom que Deus nos faz em Cristo, pelo poder do Espírito Santo. Cada cristão recebe este dom da salvação pela comunhão no corpo e no sangue de Cristo. Na refeição eucarística, no ato de comer o pão e beber o vinho, Cristo concede a comunhão com ele. Deus mesmo age na eucaristia dando vida ao corpo de Cristo e renovando cada membro deste corpo. Segundo a promessa de Cristo, cada batizado, membro do corpo de Cristo, recebe na eucaristia a segurança da remissão dos pecados (Mt 26.28) e a garantia da vida eterna (Jo 6.51-58). Ainda que a eucaristia seja essencialmente um todo, ela será considerada aqui sob os seguintes aspectos: ação de graças ao Pai, memorial de Cristo, invocação do Espírito, comunhão dos fiéis, refeição do Reino.

A eucaristia como ação de graças ao Pai

3. A eucaristia, que contém sempre simultaneamente palavra e sacramento, é uma proclamação e uma celebração da obra de Deus. A eucaristia é a grande ação de graças ao Pai por tudo o que ele cumpriu na criação, na redenção e na santificação, por tudo o que ele cumpre agora na Igreja e no mundo, não obstante o pecado dos seres humanos, por tudo o que ele cumprirá conduzindo o seu Reino até à plenitude. Deste modo, a eucaristia é a benção (*berakah*) pela qual a Igreja exprime o seu reconhecimento para com Deus por todos os favores.

4. A eucaristia é o grande sacrifício de louvor, pelo qual a Igreja fala em nome de toda a criação. Com efeito, o mundo que Deus reconciliou com ele mesmo está presente em cada eucaristia: no pão

e no vinho, na pessoa dos fiéis e nas orações que eles oferecem por eles próprios e por todos os humanos. Cristo une os fiéis à sua pessoa e as orações deles à sua própria intercessão, de modo que os fiéis são transfigurados e as suas orações aceitas. Este sacrifício de louvor só é possível por Cristo, com ele e nele. O pão e o vinho, frutos da terra e do trabalho dos homens, são apresentados ao Pai na fé e na ação de graças. Deste modo, a eucaristia revela ao mundo aquilo em que ele se deve tornar: uma oferta e um louvor ao Criador, uma comunhão universal no Corpo de Cristo, um reino de justiça, de amor e de paz no Espírito Santo.

A eucaristia como *anamnese* ou *memorial* de Cristo

5. A eucaristia é o memorial de Cristo crucificado e ressuscitado, isto é, o sinal vivo e eficaz do seu sacrifício, cumprido uma vez por todas sobre a cruz, e continuamente agindo a favor de toda a humanidade. A concepção bíblica do memorial aplicada à eucaristia exprime esta eficácia atual da obra de Deus quando ela é celebrada pelo seu povo sob a forma de liturgia.

6. O próprio Cristo, com tudo que ele cumpriu por nós e pela criação inteira (na sua encarnação, condição de servo, ministério, ensino, sofrimento, sacrifício, ressurreição, ascensão e envio do Espírito Santo) está presente neste memorial: ele concede-nos a comunhão com ele. A eucaristia é, deste modo, a antecipação da sua volta e do Reino eterno.

7. O memorial, no qual Cristo age através da celebração jubilosa da sua Igreja, é pois simultaneamente representação e antecipação. O memorial não é somente uma lembrança do passado ou da sua significação; é a proclamação eficaz feita pela Igreja da grande obra de Deus e das suas promessas.

8. O memorial, como representação e antecipação, cumpre-se sob a forma de ação de graças e intercessão. Proclamando diante de Deus, na ação de graças, a grande obra de redenção, a Igreja intercede junto dele para que ele conceda a todos os seres os benefícios desta libertação. Nesta ação de graças e intercessão, a Igreja está unida com o Filho, seu Sumo Sacerdote e seu Intercessor (Rm 8.34; Hb 7.25). A eucaristia é o sacramento do sacrifício único de Cristo, continuamente vivo para interceder em nosso favor. Ela é o memorial de tudo o que Deus faz pela salvação do mundo. O que Deus quis cumprir na encarnação, vida, morte, ressurreição e ascensão de Cristo, não volta a fazê-lo; esses acontecimentos são únicos, não podem ser nem repetidos nem prolongados. No memorial da eucaristia, porém, a Igreja oferece a sua intercessão na comunhão de Cristo, nosso Sumo Sacerdote.

COMENTÁRIO

É à luz desta significação da eucaristia como intercessão que se podem compreender as referências à eucaristia como sacrifício propiciatório na teologia católica. Só há uma expiação, a do sacrifício único da cruz tornado ativo na eucaristia e apresentado ao Pai na intercessão de Cristo e da Igreja por toda a humanidade. À luz da concepção bíblica do memorial, todas as Igrejas poderiam rever as velhas controvérsias a propósito da noção de sacrifício, e aprofundar a sua compreensão das razões pelas quais outras tradições utilizaram ou rejeitaram este termo.

9. O memorial de Cristo é o fundamento e a fonte de toda a oração cristã. A nossa oração apoia-se na intercessão contínua do Senhor ressuscitado, está unida a esta intercessão. Na eucaristia, Cristo dá-nos a força para vivermos com ele, sofrermos com ele e orarmos por intermédio dele, como pecadores justificados que cumprem livre e alegremente a sua vontade.

10. Em Cristo oferecemo-nos a nós mesmos em sacrifício vivo e santo em toda a nossa vida quotidiana (Rm 12.1; 1Pd 2.5); este culto espiritual agradável a Deus alimenta-se na eucaristia, onde somos santificados e reconciliados no amor, para sermos servidores da reconciliação no mundo.

11. Unidos a nosso Senhor e em comunhão com todos os santos e mártires, somos renovados na aliança selada pelo sangue de Cristo.

12. Visto a anamnese de Cristo ser o verdadeiro conteúdo da Palavra proclamada, bem como a essência da refeição eucarística, uma reforça a outra. A celebração da eucaristia implica normalmente a proclamação da Palavra.

13. As palavras e gestos de Cristo na instituição da eucaristia estão no coração da celebração: a refeição eucarística é o sacramento do corpo e do sangue de Cristo, o sacramento da sua presença real. Cristo cumpre de modos múltiplos a sua promessa de estar com os seus para sempre até o fim do mundo. Mas o modo da presença de Cristo na eucaristia é único. Jesus disse sobre o pão e o vinho da eucaristia: *Isto é o meu corpo... Isto é o meu sangue....* O que Cristo disse é a verdade e cumpre-se todas as vezes que a eucaristia é celebrada. A Igreja confessa a presença real, viva e ativa de Cristo na eucaristia. Ainda que a presença real de Cristo na eucaristia não dependa da fé dos indivíduos, todos estão de acordo para dizer que o discernimento do corpo e do sangue de Cristo exige a fé.

COMENTÁRIO

Muitas Igrejas creem que, pelas palavras de Jesus e pelo poder do Espírito Santo, o pão e o vinho da eucaristia se tornam, de uma maneira real e no mistério, o corpo e o sangue de Cristo ressuscitado, isto é, do Cristo vivo presente em toda a sua plenitude. Sob os sinais do pão e do vinho, a realidade profunda é o ser total de Cristo, que vem a nós para nos alimentar e transformar todo o nosso ser. Outras Igrejas, embora afirmando a presença real de Cristo na eucaristia, não vinculam essa presença de um modo tão definido aos sinais do pão e do vinho. As Igrejas deverão decidir se essa diferença pode coexistir com a convergência formulada no próprio texto.

A eucaristia como invocação do Espírito

14. O Espírito Santo faz com que Cristo crucificado e ressuscitado esteja realmente presente para nós na refeição eucarística, cumprindo assim a promessa contida nas palavras da instituição. É evidente que a eucaristia está centrada na presença de Cristo e, por conseguinte, que a promessa contida nas palavras da instituição é fundamental para a celebração. O Pai é, contudo, a origem primeira e o cumprimento final do acontecimento eucarístico. O Filho de Deus feito homem, por quem, com quem e em quem esse acontecimento se cumpre, é o seu centro vivo. O Espírito Santo é a incomensurável força de amor que torna isso possível, tornando-o eficaz. Esse vínculo da celebração eucarística com o mistério do Deus-Trindade situa o papel do Espírito Santo como o que atualiza e vivifica as palavras históricas de Cristo. Na certeza de ser atendida em virtude da promessa de Jesus contida nas palavras da instituição, a Igreja pede ao Pai o Espírito Santo para que ele cumpra o acontecimento eucarístico: a presença real de Cristo crucificado e ressuscitado que dá a sua vida por toda a humanidade.

COMENTÁRIO

Não se trata de uma espiritualização da presença eucarística de Cristo, mas da afirmação de uma união indissolúvel entre o Filho e o Espírito. Esta união proclama que a eucaristia não é um ato mágico e automático, mas sim uma oração que se dirige ao Pai, sublinhando a total dependência da Igreja em relação a ele. As palavras da instituição, promessa de Cristo, e a epiclese, invocação do Espírito, estão pois em estreita relação na liturgia. A epiclese aparece situada de modo diferente em relação às palavras da instituição nas diversas tradições litúrgicas. Nas liturgias primitivas, toda a oração eucarística era concebida como portadora da realidade prometida por Cristo. A invocação do Espírito era feita simultaneamente sobre a comunidade e

sobre os elementos do pão e do vinho. Reencontrando esta concepção, poderíamos superar as nossas dificuldades relativas a um momento particular da consagração.

15. É em virtude da palavra viva de Cristo, e pelo poder do Espírito Santo, que o pão e o vinho se tornam os sinais sacramentais do corpo e do sangue de Cristo. Eles assim permanecem para o propósito da comunhão.

COMENTÁRIO

Na história da Igreja houve diversas tentativas para compreender o mistério da presença real e única de Cristo na eucaristia. Alguns limitam-se à afirmação pura e simples dessa presença, sem querer protegê-la. Outros consideram como necessária a afirmação de uma mudança realizada pelo Espírito Santo e pelas palavras de Cristo, que faz com que não haja mais um pão e um vinho comuns, mas o corpo e o sangue de Cristo. Outros, ainda, elaboraram uma explicação da presença real que não pretende esgotar a significação do mistério, mas quer protegê-la contra as interpretações nocivas.

16. Toda a celebração da eucaristia tem um caráter epiclético, isto é, está dependente da ação do Espírito Santo. Este aspecto da eucaristia encontra uma expressão variada nas palavras da liturgia.

17. A Igreja, como comunidade da nova aliança, invoca o Espírito com confiança, a fim de ser santificada e renovada, conduzida em toda justiça, verdade e unidade, e fortalecida para cumprir a sua missão no mundo.

18. O Espírito Santo, através da eucaristia, dá uma pré-gustação do Reino de Deus: A Igreja recebe a vida da nova criação e a segurança da volta do Senhor.

A eucaristia como comunhão dos fiéis

19. A comunhão eucarística com o Cristo presente, que alimenta a vida da Igreja, é ao mesmo tempo comunhão no Corpo de Cristo, que é a Igreja. A partilha do mesmo pão e do cálice comum, num dado lugar, manifesta e cumpre a unidade dos participantes com Cristo e com todos os comungantes, em todos os tempos e em todos os lugares. É na eucaristia que a comunidade do povo de Deus é plenamente manifestada. As celebrações eucarísticas estão sempre em relação com a Igreja inteira, e toda a Igreja está implicada em cada celebração eucarística. Na medida em que uma

Igreja pretende ser uma manifestação da Igreja universal, deveria preocupar-se com ordenar a sua própria vida segundo vias que tomassem a sério os interesses e preocupações das Igrejas-irmãs.

COMENTÁRIO

Desde os princípios, o batismo foi concebido como o sacramento pelo qual os crentes são incorporados no Corpo de Cristo e cheios do Espírito Santo. Se, pois, uma Igreja, os seus ministros e os seus fiéis contestam a outras Igrejas, aos seus batizados e aos seus ministros, o direito de participar na eucaristia ou de a ela presidir, a catolicidade da eucaristia é menos manifesta. Em muitas Igrejas hoje discute-se a questão da admissão das crianças batizadas como comungantes na eucaristia.

20. A eucaristia abarca todos os aspectos da vida. É um ato representativo de ação de graças e de oferta em nome do mundo inteiro. A celebração eucarística pressupõe a reconciliação e a partilha com todos, olhados como irmãos e irmãs da única família de Deus; ela é um constante desafio na busca de relações normais no seio da vida social, econômica e política (Mt 5.23 ss; 1 Co 10.16 ss; 1 Co 11.20-22; Gl 3.28). Quando partilhamos o corpo e o sangue de Cristo, há um desafio radical que é lançado a todas as formas de injustiça, de racismo, de separação e de ausência de liberdade. Através da eucaristia, a graça de Deus, que renova tudo, penetra e restaura a pessoa humana e a sua dignidade. A eucaristia envolve o crente no acontecimento central da história do mundo. Como participantes na eucaristia, pois, mostramo-nos inconsequentes se não participamos ativamente nesta restauração contínua da situação do mundo e da condição humana. A eucaristia mostra-nos que o nosso comportamento é inconsistente em face da presença reconciliadora de Deus na história humana: estamos colocados sob um julgamento contínuo pela persistência de todas as espécies de relações injustas na nossa sociedade, pelas numerosas divisões devidas ao orgulho humano, ao interesse material e às políticas do poder, e enfim pela obstinação assumida nas oposições confessionais injustificáveis no seio do Corpo de Cristo.

21. A solidariedade no Corpo de Cristo, afirmada pela comunhão eucarística e a responsabilidade dos cristãos entre si e para com o mundo, encontram uma expressão particular nas liturgias: o perdão mútuo dos pecados, o sinal da paz, a intercessão por todos, comer e beber juntos, levar os elementos eucarísticos aos doentes e aos prisioneiros ou celebrar a eucaristia com eles. Todos estes sinais de amor fraterno na eucaristia estão diretamente ligados ao próprio testemunho do Cristo servo: os cristãos participam, eles mesmos, na Sua condição de servo. Deus, em Cristo, entrou na

condição humana; a liturgia eucarística está, assim, próxima das situações concretas e particulares dos homens e das mulheres. Na Igreja primitiva, ao ministério dos diáconos e das diaconisas incumbia a responsabilidade específica de manifestar este aspecto da eucaristia. O exercício de um tal ministério entre a Mesa e a miséria humana exprime concretamente a presença libertadora de Cristo no mundo.

A eucaristia como refeição do Reino

22. A eucaristia abre a visão do Reino de Deus, prometido com a renovação final da criação, ela é uma antecipação dessa nova ordem de coisas. Sinais dessa renovação estão presentes no mundo por toda a parte onde a graça de Deus se manifesta, e onde os seres humanos trabalham pela justiça, pelo amor e pela paz. A eucaristia é a festa na qual a Igreja dá graças a Deus por esses sinais, celebra e antecipa, na alegria, a vinda do Reino em Cristo (1 Co 11.26; Mt 26.29).

23. O mundo prometido para a renovação está presente em toda a celebração eucarística. O mundo está presente na ação de graças ao Pai, quando a Igreja fala em nome da criação inteira; o mundo está presente durante o memorial de Cristo, quando a Igreja está unida ao seu Sumo Sacerdote e Intercessor, na sua oração por toda a humanidade; o mundo está presente no momento da invocação do dom do Espírito, quando a Igreja aspira à santificação e à nova criação.

24. Reconciliados na eucaristia, os membros do corpo de Cristo são chamados a ser servidores da reconciliação no meio de homens e mulheres, testemunhas da alegria cuja origem é a ressurreição. Tal como Jesus ia ao encontro dos publicanos e dos pecadores e comia com eles durante o seu ministério terrestre, assim também os cristãos são chamados, na eucaristia, a serem solidários dos marginais e a tornarem-se sinais do amor de Cristo, que viveu e se sacrificou por todos, que se dá agora a si mesmo na eucaristia.

25. A celebração da eucaristia é um momento em que a Igreja participa da missão de Deus no mundo. Esta participação toma forma quotidianamente na proclamação do Evangelho, no serviço ao próximo e na presença constante no mundo.

26. Dom total de Deus, a eucaristia oferece a realidade nova que transforma a vida dos cristãos, a fim de fazer deles imagem de Cristo e suas testemunhas eficazes. A eucaristia é, deste modo, um precioso alimento para os missionários, o pão e o vinho dos peregrinos, em vista do seu êxodo

apostólico no mundo. A comunidade eucarística é alimentada de maneira a poder confessar, por palavras e ações, que Jesus Cristo é o Senhor, o qual ofereceu a sua vida pela salvação do mundo. Ao tornar-se um povo único em torno de uma refeição única, a assembleia eucarística deve inevitavelmente preocupar-se com a reunião daqueles que estão para além dos seus limites visíveis, pois é Cristo quem convidou para o seu banquete todos aqueles pelos quais ele morreu. O fato de os cristãos não poderem reunir-se numa plena comunhão à mesma mesa, para comerem o mesmo pão e beberem o mesmo cálice, constitui um enfraquecimento do seu testemunho missionário individual e comum.

III. A CELEBRAÇÃO DA EUCARISTIA

27. A liturgia eucarística é essencialmente um todo, implicando historicamente nos seguintes elementos, que podem apresentar-se numa ordem diferente e cuja importância não é igual:

- canto de louvor;
- ato de arrependimento;
- declaração de perdão;
- proclamação de diversos modos da Palavra de Deus;
- confissão de fé (credo);
- intercessão por toda a Igreja e pelo mundo;
- preparação do pão e do vinho;
- ação de graças ao Pai pelas maravilhas da criação, da redenção e da santificação (de que a origem é a *berakah* da tradição judaica);
- palavras de Cristo para a instituição do sacramento, segundo a tradição neo-testamentária;
- *anamnese* ou memorial dos grandes atos da redenção: paixão, morte, ressurreição, ascensão de Cristo e pentecostes, que deu existência à Igreja;
- invocação do Espírito Santo sobre a comunidade e sobre os elementos do pão e do vinho (*epiclese*, seja antes das palavras da instituição, seja depois do memorial, ou antes e depois, ou uma outra referência ao Espírito Santo que exprima adequadamente o caráter epiclético da eucaristia);
- consagração dos fiéis a Deus;

- lembrança da comunhão dos santos;
- oração pela vinda do Senhor e pela manifestação definitiva do seu Reino;
- amém de toda a comunidade;
- oração dominical;
- sinal de reconciliação e de paz;
- ato de partir o pão;
- comer e beber em comunhão com Cristo e com cada membro da Igreja;
- louvor final;
- bênção e envio em missão.

28. O melhor caminho para a unidade na celebração eucarística e na comunhão reside na própria renovação da eucaristia nas diversas Igrejas, no plano do ensino e da liturgia. As Igrejas deveriam examinar de novo as suas liturgias à luz do crescente acordo eucarístico. O movimento de reforma litúrgica aproximou as Igrejas na sua maneira de celebrar a eucaristia. Reconhece-se, contudo, que uma certa diversidade litúrgica, compatível com a nossa fé eucarística comum, é uma realidade sã e enriquecedora. A afirmação de uma fé comum a propósito da eucaristia não implica uniformidade na liturgia e na prática.

COMENTÁRIO

Desde a época do Novo Testamento, a Igreja atribui uma grande importância ao uso contínuo dos elementos do pão e do vinho que Jesus empregou na Santa Ceia. Em certas partes do mundo, onde o pão e o vinho não podem ser facilmente obtidos, pretende-se, por vezes, hoje, que o alimento e a bebida locais servem melhor para enraizar a eucaristia na vida de todos os dias. Impõe-se um estudo ulterior no qual se aborde a questão de saber que aspectos da Santa Ceia são imutáveis por força da instituição de Jesus, e que aspectos podem depender da competência e da decisão da Igreja.

29. Na celebração da eucaristia, Cristo congrega, ensina e alimenta a Igreja. É Cristo quem convida à refeição e a ela preside. Ele é o pastor que conduz o Povo de Deus, o Profeta que anuncia a Palavra de Deus, o Sacerdote que celebra o Ministério de Deus. Na maior parte das Igrejas, esta presidência de Cristo tem por sinal a de um ministro ordenado. Quem preside à celebração

eucarística em nome de Cristo, manifesta que a assembleia não é proprietária do gesto que cumpre, que ela não é dona da eucaristia: ela recebe-a como um dom do Cristo vivo na sua Igreja. O ministro da eucaristia é o enviado que representa a iniciativa de Deus e exprime a ligação da comunidade local com as outras comunidades da Igreja universal.

30. A fé cristã aprofunda-se na celebração da eucaristia. Por isso a eucaristia deveria ser celebrada frequentemente. Muitas diferenças de teologia, de liturgia e de prática estão ligadas à frequência da celebração eucarística.

31. Visto a eucaristia celebrar a ressurreição de Cristo, seria normal ela ter lugar pelo menos todos os domingos. Visto ser ela a nova refeição sacramental do povo de Deus, dever-se-ia encorajar cada cristão a receber a comunhão frequentemente.

32. Certas Igrejas insistem na direção da presença de Cristo nos elementos consagrados da eucaristia, depois da celebração; outras sublinham antes o ato da celebração em si mesmo e o consumo dos elementos na comunhão. A maneira de tratar os elementos reclama uma atenção particular. No que respeita à reserva dos elementos, cada Igreja deveria respeitar as práticas e a piedade das outras. Dada a diversidade entre as Igrejas, e tida em conta também a situação presente no desenvolvimento das convergências, é útil sugerir:

- que, por um lado, se lembre, nomeadamente na catequese e na pregação, que a intenção primeira da reserva dos elementos é a sua distribuição aos doentes e aos ausentes;
- e que, por outro lado, se reconheça que a melhor maneira de testemunhar o respeito devido aos elementos que serviram à celebração eucarística é o seu consumo, sem excluir o seu uso para a comunhão dos doentes.

33. A crescente compreensão mútua expressa no presente documento pode permitir a certas Igrejas atingirem maior medida de comunhão eucarística entre elas e, deste modo, tornarem mais próximo o dia em que o povo de Cristo dividido será reunido visivelmente à volta da Mesa do Senhor.

FONTE IMPRESSA

COMISSÃO FÉ & CONSTITUIÇÃO. *Batismo, eucaristia, ministério*. 3ª ed. São Paulo: Edição ASTE-CONIC, 2001.

FONTE ONLINE

<https://www.luteranos.com.br/textos/batismo-eucaristia-ministerio-convergencia-da-fe-7>



**TERCEIRO DIA – 08 DE JUNHO DE 2022 – QUARTA-
FEIRA**

19h00 – Acolhida e credenciamento

19h30 – Conferência: “Eucaristia nas Cartas Paulinas” de Pe. Claudio Buss, SCJ – Professor da Faculdade Dehoniana

20h20 – Coffee Break

20h40 – Debate – Perguntas

21h40 – Agradecimentos, avisos e encerramento

Ms. Padre Claudio Buss, SCJ

Conferencista

Doutorando em Teologia Bíblica pela PUC-SP e Mestre em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Professor de Teologia Bíblica na Faculdade Dehoniana de Taubaté-SP.

A EUCARISTIA NA ESCRITURA E NAS CARTAS PAULINAS

Prof. Pe. Claudio Roberto Buss, SCJ

Professor da Faculdade Dehoniana

1. A Ceia Pascal Judaica

Nos tempos de Cristo, pode-se pensar que o desenrolar da ceia pascal se dividia em quatro partes:

1. O *qiddush* (santificação): uma vez servido o primeiro cálice de vinho, o pai de família pronuncia a primeira bênção: “bendito sejas tu, Senhor nosso Deus...” Todos bebem do cálice, lavam as mãos e trazem a comida à mesa. Comem “verdura amarga” e partem o pão ázimo (“matza”) em duas porções, uma das quais é escondida para ser tomada ao final da

ceia e a outra dada aos comensais. Também se abre a porta, convidando simbolicamente os transeuntes que precisam de lar.

2. A *haggadah* (relato, homilia): uma vez servido o segundo cálice, há um ritual, a partir das perguntas das crianças e das respostas do pai, sobre a história e o sentido desta noite pascal. É contada a história da ida ao Egito, da escravidão e libertação com Moisés. A homilia é intercalada com cantos de louvor a Deus e, sobretudo, com uma “exortação” do pai: “em toda a geração cada um é obrigado a considerar-se como se ele mesmo tivesse saído do Egito”.
3. A *birat há-mazon*: ação de graças depois da refeição. Serve-se o terceiro cálice de vinho e então o pai pronuncia a bênção (“berakah”) mais solene da ceia. “Bendito sejas tu, Senhor nosso Deus, que alimentas...” E todos bebem do terceiro cálice.
4. O *hallel*: são os salmos de louvor. Antes se havia cantado o Salmo 112-113, mas agora, sobre o quarto cálice, se dizem os mais solenes, 114-117, além do Salmo 135, junto com outras bênçãos. As últimas palavras são de bênção para o futuro: “agora termina o nosso *seder* (ritual) [...] Ao reunir-nos em banquete esta noite, que nos seja concedido celebrá-lo da mesma forma no futuro....

1.1 . Sentido espiritual e teológico da Ceia Judaica

A ceia da Páscoa é para os judeus um autêntico “sacramento”, um sinal e celebração da salvação operada por Deus em favor deles.

- a) É uma celebração comunitária, familiar, com consciência de ser o povo eleito de Deus; uma celebração que recria continuamente a sua consciência como povo.
- b) É uma celebração que renova a cada ano a aliança do povo com Deus, aliança solenemente celebrada no monte Sinai e que agora se atualiza (cf. Ex 13,3-4); todos os textos e ritos da ceia são pensados para que os comensais se associem às realidades que se recordam e celebram;
- c) O que celebram é a salvação pascal, com o que significa de “passagem” da morte (escravidão, juízo e ira de Deus) à vida (alegria, liberdade, amizade com Deus, terra prometida);
- d) Elemento característico é o *cordeiro pascal*: lembrança do cordeiro sacrificado na saída do Egito, mais tarde nos sacrifícios diários no templo, de caráter expiatório pelos pecados do povo e sinal da salvação de Deus.

- e) O pão ázimo, sem levedura, utilizado em toda a semana da Páscoa, como recordação da aflição, escravidão e pressa na saída do Egito, pobreza de vida (pão não acabado de fazer): Cf. Ex 12,39.
- f) O vinho é símbolo da alegria (sobretudo escatológica) e da ideia que traz consigo de sacrifício e sangue, que também em Ex 24 serviu para selar a primeira aliança; o vinho tinha sempre uma conotação de espera messiânica.

2. A Ceia Pascal de Jesus

A Ceia celebrada por Jesus é uma antecipação da Ceia Pascal Judaica, celebrada com seus apóstolos.

Para tanto, é importante visualizar a forma das palavras de Jesus pronunciadas sobre o pão e o vinho nas quatro tradições:

Sobre o pão:

Mt 26,26: “Isto é o meu corpo”;

Mc 14,22: “Isto é o meu corpo”;

Lc 22,19: “Isto é o meu corpo, que é dado por vós. Fazei isto em memória de mim”

1Cor 11,24: “Isto é o meu corpo, que é dado por vós. Fazei isto em memória de mim”

Sobre o vinho:

Mt 26,28: “Este é o meu sangue, o sangue da Aliança, que vai ser derramado por muitos para remissão dos pecados”

Mc 14,24: “Este cálice é a nova aliança do meu sangue, que é derramado por muitos”

Lc 22,20: “Este cálice é **a nova aliança** no meu sangue, que é derramado por vós”

1Cor 11,25: “Este cálice é **a nova aliança** no meu sangue; toda vez que o beberdes, fazei-o em minha memória.

- a) A originalidade de Jesus está no fato que ele especifica o pão/vinho não como uma metáfora de um “sacrifício” do passado, mas identificando-o consigo mesmo como pessoa.
- b) Em segundo lugar, é significativo nas palavras de Jesus, que os elementos do pão e do vinho são referidos ao dom pessoal de si feito pelo próprio Jesus.

- c) Em terceiro lugar, o significado da referência à Aliança. Para a tradição Mc/Mt: a efusão do sangue, com um valor específico expiatório, ou seja, de eliminação dos pecados (cf. Ex 24,8).

Já a tradição de Lc/Paulo: “sangue da nova aliança”: remete a Jr 31,31-34. Uma realização da aliança feita com os pais e, que agora é olhada para um futuro escatológico, quando a Lei de Deus será interiorizada.

As narrativas evangélicas, apesar de algumas variações, convergem para um elemento básico: o significado do dom total de si feito por Jesus.

3. A Eucaristia segundo Paulo

- a) O nome que Paulo dá à Eucaristia é “ceia do Senhor”. É um nome que sublinha o marco de uma refeição. Da parte da comunidade supõe uma “reunião”. Parece que o pão e o vinho, com suas palavras e gestos, já estão juntos no final da ceia.
- b) Para ele, a Eucaristia é uma celebração que os coríntios conhecem e praticam porque pertence à *tradição da Igreja*: “paradosis” que remonta ao próprio Senhor. Paulo não tenta na carta defender a Eucaristia, mas argumenta a partir dela para corrigir certos abusos.
- c) A Eucaristia tem estreita *relação com a morte de Cristo* na cruz. O pão que partimos é comunhão com o corpo de Cristo que se entrega; o vinho é comunhão com o sangue da nova aliança de Cristo. No fundo está a pessoa de Cristo, “o por vós”, o Servo.
- d) Esta relação é especificada sob a categoria de memorial e de proclamação cúlta (“anamnesis”): memorial no sentido, dos judeus, que supõe não uma lembrança meramente subjetiva de um acontecimento, mas o tornar presente este mesmo acontecimento que se considera vivo e operante para a comunidade cada vez que se celebra a Eucaristia.
- e) A celebração, como bom memorial, também visa o futuro: tem uma clara tensão escatológica, “até que ele venha”... A Eucaristia – como todo o tempo da Igreja – tende à manifestação plena do Reino, antecipando já o banquete escatológico e buscando sua plenitude, na linha da exclamação “*maranatha*” (vem, Senhor Jesus) da primeira geração.
- f) Mas não há um olhar só para o passado e para o futuro: na Eucaristia há um “hoje”, a atualização do acontecimento salvador que é a morte de Cristo. Paulo a expressa afirmando que os cristãos entram em comunhão com Cristo, com seu corpo e seu sangue. Comer e beber a Eucaristia é participar do Messias glorioso e ressuscitado. Daí

a incompatibilidade da Eucaristia com os outros banquetes pagãos, porque os cristãos participam (“koinonia”) do Senhor ressuscitado.

- g) O efeito da Eucaristia não é só “vertical”, em relação a Cristo glorioso, mas também horizontal: as duas passagens da carta têm um marcante *acento eclesial e comunitário*.
- h) No conjunto da obra de Paulo, a Eucaristia deve ser entendida *em conexão com o resto da sua teologia e espiritualidade*.

BIBLIOGRAFIA

ALDAZÁBAL, J., *A Eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 1999.

PENNA, R., *A ceia do Senhor. Dimensão histórica e ideal*. São Paulo: Loyola, 2018.



QUARTO DIA – 09 DE JUNHO DE 2022 – QUINTA-FEIRA

19h00 – Acolhida e credenciamento

19h30 – Mesa Redonda: “Eucaristia: quando podemos comungar?” com P. Mário Marcelo, SCJ – Presidente da Sociedade Brasileira de Teologia Moral Professor

da Faculdade Dehoniana (MORAL – 25 minutos) e Padre Paulo Profilo – Professor da Faculdade de Direito Canônico São Paulo Apóstolo e UNISAL-Pio XI-SP (DIREITO CANÔNICO – 25 minutos) e mediador P. Lucas Mello, SCJ – Professor da Faculdade Dehoniana

20h20 – *Coffee Break*

20h40 – Mediação – Debate – Perguntas

21h50 – Agradecimentos, avisos e encerramento

Dr. Padre Mário Marcelo Coelho, SCJ
Conferencista

Possui graduação em Zootecnia pela Escola Superior de Agricultura de Lavras, MG (1986), mestrado em Zootecnia pela Escola Superior de Agricultura de Lavras, MG (1990), graduação em

Filosofia pela Fundação Educacional de Brusque, SC (1996), bacharel em Teologia pela Faculdade Dehoniana - Taubaté, SP (2011), mestrado em Teologia Moral pelo Centro Universitário Assunção, SP (2002) e doutor em Teologia Moral com endereço em Bioética pela Academia Alfonsiana, Roma/Itália (2012). Foi vice-diretor geral da Faculdade Dehoniana, Taubaté, SP, período 02/2005 - 02/2009. Atualmente é Coordenador do Curso de Teologia e Professor da Faculdade Dehoniana, Taubaté, SP. Tem experiência na área de Teologia Moral e de Ética, com ênfase em Bioética e Ética da Sexualidade. Membro da diretoria da Sociedade Brasileira de Teologia Moral durante dos mandatos de 2004 a 2006, 2007 a 2009 e de 2016 a 2021. Atualmente é Presidente da Sociedade Brasileira de Teologia Moral (2022-2024). Membro do grupo Interdisciplinar de Peritos (GIP) da Comissão Episcopal Pastoral para a Doutrina da Fé da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Membro do Grupo de Pesquisa Pessoa Humana - Antropologia, Ética e Sexualidade (PUC- SP). Pós-doutorando em Teologia Moral pela PUC-SP.

EUCARISTIA: QUANDO PODEMOS COMUNGAR?

Dr. Padre Mário Marcelo Coelho, SCJ

Professor da Faculdade Dehoniana

Presidente da Sociedade Brasileira de Teologia Moral

Sabemos e professamos que a Igreja vive da Eucaristia. A Eucaristia, que é o sacramento por excelência do mistério pascal, está colocada no centro da vida eclesial. Ela é presença salvífica de Jesus na comunidade dos fiéis e seu alimento espiritual, é o que de mais precioso pode ter a Igreja no seu caminho ao longo da vida.

A integridade dos vínculos invisíveis é um dever moral concreto do cristão que queira participar plenamente na Eucaristia, comungando o corpo e o sangue de Cristo. Um tal dever, recorda-o o Apóstolo Paulo com a seguinte advertência: “Examine-se cada qual a si mesmo e, então, coma desse pão e beba desse cálice” (1Cor 11,28) (*Ecclesia de Eucharistia*, n. 36).

O Catecismo da Igreja Católica (n. 1384, 1385) estabelece: “Aquele que tiver consciência dum pecado grave, deve receber o sacramento da Reconciliação antes de se aproximar da Comunhão”. No entanto, a Eucaristia e a Penitência são dois sacramentos intimamente unidos. Se a

Eucaristia torna presente o sacrifício redentor da cruz, perpetuando-o sacramentalmente, isso significa que deriva dela uma contínua exigência de conversão, de resposta pessoal à exortação que S. Paulo dirigia aos cristãos de Corinto: “Suplicamo-vos em nome de Cristo: reconciliai-vos com Deus” (2Cor 5,20).

A fórmula abaixo faz parte do rito de comunhão da celebração Eucarística e constitui a última preparação antes de receber sacramentalmente o corpo e o sangue de Cristo na missa.

Imediatamente depois da Oração Eucarística, com a presença de Jesus no altar, nós nos dirigimos juntos a Deus, chamando-o de Pai; depois recebemos e intercambiamos o dom da paz, primeiro dom do Ressuscitado; em seguida, acontece a fração do Pão Eucarístico, acompanhada do “Cordeiro de Deus”; finalmente, chegamos às palavras recitadas antes só pelo sacerdote e depois junto com os fiéis, enquanto eleva a hóstia consagrada partida: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo. – Senhor, eu não sou digno que entreis em minha morada, mas dissei uma palavra e serei salvo”.

Por que na missa, a Igreja escolheu, como último momento da preparação para o recebimento da Eucaristia, retomar as palavras do centurião romano de Cafarnaum, quando pediu a Jesus que curasse seu servo fiel: “Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha morada, mas dissei uma palavra e serei salvo/curado (Mt 8,8)”?

A Instrução Geral do Missal Romano, falando do rito de comunhão, no número 84 indica o sentido preciso destas palavras: “O sacerdote mostra aos fiéis o pão eucarístico sobre a patena ou sobre o cálice e convida-os para o banquete de Cristo; e, juntamente com os fiéis, faz um ato de humildade, utilizando as palavras evangélicas prescritas”.

A atitude de extrema humildade e de profunda confiança que caracterizou esse oficial pagão ao pedir a intervenção salvadora de Cristo em sua casa – uma verdadeira e autêntica profissão de fé – quer e deve ser a atitude de todos nós, sacerdotes e fiéis (estas palavras são pronunciadas por ambos, padre e povo) no momento em que estamos a ponto de receber o Senhor em nosso coração.

Certamente, nenhum de nós é “digno” de Jesus, de sua presença e do seu amor, mas sabemos pela fé que basta somente um gesto, uma palavra, um olhar para que ele nos salve.

O Papa Francisco continuamente nos alerta que não somos “controladores da graça”⁹ e que a Eucaristia não é um prêmio para os perfeitos, mas um “alimento para os fracos” (*Evangelii Gaudium*, n. 47).

A consciência reta dos cristãos, quando abertas ao Espírito, pode orientá-los para a decisão de aceder à comunhão sacramental, para isto, “a consciência das pessoas deve ser melhor

⁹ FRANCISCO. *Discurso aos participantes do 37º Encontro Nacional da Renovação Carismática Católica*.

incorporada na práxis da Igreja em algumas situações que não realizam objetivamente a nossa concepção do matrimônio” (*Amoris Laetitia*, n. 303).

A opção deve ser pela orientação da consciência pelo sujeito iluminada pelo Espírito Santo. Deve-se reconhecer que nas situações reconhecidas objetivamente como em pecado, o *sensus fidelium* pode ser aplicado, para reconhecer que tais relações são habitadas pelo Senhor e, portanto, se tornam “*locus theologicus*”, o lugar de discernimento pessoal em diálogo com Deus.

O caminho de discernimento, em foro interno, ajuda na formação de um juízo correto sobre o que obstaculiza a possibilidade de uma participação nos sacramentos da Penitência e da Eucaristia. O caminho sincero na presença de Deus abre um caminho de penitência e de reconciliação. Tudo isto pode abrir novas dimensões de encontro com o Senhor rico em misericórdia que não se cansa de perdoar e preparar o casal em situação irregular para um caminho de humildade e de misericórdia para ver a questão do acesso à vida sacramental da Igreja.

É na interioridade que o homem transcende o universo das coisas, onde Deus, que sonda os corações, o encontra, e onde ele, na presença do Senhor, toma suas decisões e age. O caminho sinodal quer ajudar a Igreja a redescobrir o lugar teológico - *Locus theologicus* - do discernimento. O Vaticano II explica que Deus fala aos homens e as mulheres como amigos e vive entre eles para entrar em comunhão com eles (*Dei Verbum*, n. 2).

O ensinamento moral do magistério não impõe nada compulsório à consciência do fiel cristão de forma heterônoma. A decisão se forma para cada realidade, onde o conceito de decisões universais, ou parâmetros universais, aplicáveis sempre e para todas as circunstâncias já não subsistem, “a ética cristã está além do formalismo e da casuística”.¹⁰

A Igreja possui sólida reflexão sobre os condicionamentos e as circunstâncias atenuantes. Por isso, já não é possível dizer que todos os que estão em situação chamada “irregular” vivam em estado de pecado mortal, privados da graça santificante (CIgC 1750- 1754).

Ms. Padre Paulo Profilo, SDB

Conferencista

¹⁰ BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*. São Leopoldo (RS): Sinodal, 2001, p. 53.

Salesiano de Dom Bosco, presbítero, licenciado em Filosofia e Bacharel em Teologia. Mestre em Direito Canônico pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Doutorando em Direito Canônico na Faculdade São Paulo Apóstolo de Direito Canônico. Professor de Direito Canônico no Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Campus Pio XI, Professor na Faculdade de Direito Canônico São Paulo Apóstolo da Arquidiocese de São Paulo. Atua como oficial do Tribunal Eclesiástico Arquidiocesano de São Paulo e defensor de vínculo no Tribunal Eclesiástico Arquidiocesano de Aparecida.

EUCARISTIA: QUANDO PODEMOS COMUNGAR
A EUCARISTIA NO ORDENAMENTO JURÍDICO DA IGREJA



Ms. Padre Paulo Profilo, SDB

Professor da Unisal-Pio XI

Professor da Faculdade de Direito Canônico São Paulo

Apóstolo

Introdução

Devemos partir do pressuposto de que o Direito Canônico está voltado para o bem comum da sociedade eclesial. A pessoa humana, tal como foi criada por Deus, é o fundamento e o fim da vida social e a quem o Direito deve servir, o Direito cumpre a sua missão na medida em que põe em seu fundamento a verdade sobre o homem (João Paulo II).

Segundo o Direito Canônico todos os batizados possuem a condição de pessoa na Igreja de Cristo (cân. 96) e por isso possuidores de direitos e deveres na Igreja. Assim sendo todos os fiéis têm o direito de receber dos Pastores sagrados o auxílio dos bens espirituais da Igreja, principalmente da Palavra de Deus e os Sacramentos (cân. 213).

Com relação ao Sacramento da Eucaristia especificamente há um princípio geral que é: “Todo batizado a quem o direito não o proíba, pode e deve ser admitido à sagrada comunhão” (cân. 912). Isso porque a Eucaristia é o mais excelso de todos os sacramentos, no qual não só se comunica a graça divina, mas também onde se recebe o Autor mesmo da graça, e por isso é que o Direito Canônico estabelece uma série de normas, algumas já de direito divino, tanto para proteger e

regular o exercício desse direito como para limitá-lo, pois é necessário salvaguardar o quanto se exige a santidade e o mistério, bem como a devida veneração ao Corpo e Sangue de Cristo.

O cân. 898 nos recorda das três modalidades pelas quais os fiéis devem honrar o Sacramento da Eucaristia: participando ativamente da celebração, recebendo frequentemente a Eucaristia e adorando. Ou seja, são deveres também jurídicos e que os Pastores de Almas devem garantir aos fiéis, de modo especial instruindo-os a partir da catequese e do próprio testemunho de vida.

Os Limites ao Direito a receber a Santíssima Eucaristia

Ainda que não sejam tão agradáveis, por sua evidente conotação negativa, precisamos nos referir aos limites que a Suprema Autoridade eclesiástica pôs para a recepção da sagrada Comunhão.

- **Devidamente dispostos:** O Código de Direito Canônico reza que “Os ministros sagrados não pode negar os sacramentos àqueles que oportunamente os pedirem, se estiverem devidamente dispostos e pelo direito não se encontrarem impedidos de os receber” (cân. 843 §1) e: “quem estiver consciente de pecado grave não celebre a Missa nem comungue o Corpo do Senhor sem fazer previamente a Confissão sacramental...” (cân. 916). A participação na Sagrada Comunhão pressupõe a vida e graça por meio da qual nos tornamos partícipes da natureza divina. Ainda que a Eucaristia é também remédio e sacrifício de reconciliação, há a necessidade de aproximar-se do Sacramento da Penitência, pois um sacramento não substitui o outro.
 - **Jejum Eucarístico:** faz parte ainda das necessárias disposições para receber a sagrada Comunhão a norma sobre o jejum eucarístico, hoje muito mitigada a respeito da precedente disciplina. O cân. 919 §1 exige e abstinência de qualquer alimento e bebida ao menos uma hora antes da sagrada comunhão, a exceção de água e remédios. Nota-se que a norma exige uma hora antes do momento de comungar e não do início da santa Missa. Não estão obrigadas as pessoas de idade avançada e dos enfermos e cuidadores.
- **Exclusão por razão de idade e enfermidade:** O uso da razão é um elemento essencial da capacidade jurídica. O Direito Canônico exige um “suficiente uso da razão” para a obrigação de obedecer a leis eclesiásticas e logicamente aos exercícios dos direitos e deveres. Com relação às crianças exige-se que tenham “suficiente conhecimento” e que tenham recebido uma “cuidadosa preparação”. Presume-se que a partir dos 7 anos a criança já tem o suficiente uso da razão. É necessário que as crianças entendam os mistérios de Cristo segundo as suas capacidades e possam receber o Corpo de Cristo

com fé e devoção. Usa-se o mesmo critério de “uso da razão” e “suficiente conhecimento” para a administração da Eucaristia a fiéis que possuem algum tipo de deficiência. Claro que o particular amor de Cristo pelos enfermos nos leva a entender que se a pessoa tem o mínimo de lucidez mental e o mínimo de conhecimento capaz de distinguir Pão do pão, é possível participar da Eucaristia.

- **A não admissão:** O cân. 915 sanciona que “Não sejam admitidos à sagrada comunhão os excomungados e os interditos, depois da aplicação ou declaração da pena, e outros que obstinadamente perseverem em pecado grave manifesto”.
 - **Excomungados e Interditados por pena:** A situação desses fiéis de grave lesão à comunhão eclesial, por isso não podem ser admitidos à Eucaristia, sacramento que pressupõe, consolida e expressa em grau eminente os vínculos de comunhão. Para evitar o perigo de difamação, somente pode-se negar publicamente a comunhão quando estas censuras são conhecidas o fórum externo, ou seja, que sejam impostas ou declaradas.
 - **Os que obstinadamente persistam em um pecado grave manifesto:** aqui temos três requisitos para que o ministro do Sacramento negue a comunhão: que se trate de pecado grave, que seja manifesto e que persevere neste estado. Nestas situações estão incluídas as chamadas uniões livres, os que contraem somente o matrimônio civil e os divorciados que se casaram novamente.
- **Outros Limites:**
 - **Número de vezes que devem receber no mesmo dia (cân. 917):** os fiéis estão autorizados a receber a Eucaristia no máximo duas vezes por dia, a exceção é a Eucaristia em forma de viático. Se os fiéis participam de uma terceira Missa e já comungaram em outras duas, não devem comungar mais do que duas vezes ao dia.
 - **Pertencentes à Maçonaria:** O cân. 1374 fala genericamente que devem ser penalizados os que se inscrevem em uma associação que conspira contra a Igreja ou quem promove tais associações. No Código de 1917 havia explicitamente a menção à maçonaria. No atual código não há mais essa menção explícita, mas um Documento da Congregação da Doutrina da Fé de 1997 continua afirmando que a Igreja não mudou seu juízo em relação a tal associação: quem participa desta associação está em pecado grave.
 - **Batizados acatólicos:** Exige-se a completa comunhão com a Igreja Católica para participação do Sacrifício Eucarístico. Completa comunhão canonicamente entende-se o vínculo pela profissão de fé, pelos sacramentos e pelo governo

eclesiástico. Por isso não é possível uma concelebração da Eucaristia com fiéis batizados de outras Igrejas acatólicas. A exceção é em situações especiais como a impossibilidade de se ascender ao ministro católico.

○

Ms. Padre Lucas Mello, SCJ

Moderador

Graduado em Teologia pela Faculdade Dehoniana, Taubaté-SP. Especialização em Formadores para Seminários e Casas de Formação pela Faculdade Dehoniana, Taubaté-SP. Mestre em Teologia e Ciências Patrísticas pela Pontifícia Universidade Lateranense, Roma, Itália





*“No fundo, o feito da EUCARISTIA é a transformação do homem em Deus”
Santo Tomás de Aquino*



**1º CONGRESSO ACADÊMICO
EUCARÍSTICO**

f @saojudastadeusp

@ @saojudastadeusp

▶ @santuariosaojudastadeu

🐦 @saojudastadeusp



REALIZAÇÃO:



APOIO:



1º CONGRESSO ACADÊMICO EUCARÍSTICO